

# A CONTRIBUIÇÃO DO LÚDICO E DO PENSAMENTO CRÍTICO COMO FERRAMENTA PARA LER O “MUNDO DA DIDÁTICA”

Stephanie Valdirene dos Anjos<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo visa elucidar, com uma abordagem qualitativa, algumas formas de adaptar o mundo da didática para desenvolver as habilidades de ensino e aprendizagem dos discentes e docentes em Língua Portuguesa, utilizando-se de ferramentas como o lúdico e o pensamento crítico em sala de aula. A metodologia aqui aplicada é de referência bibliográfica e abrange teorias de Paulo Freire e Friedrich Fröbel. Para essa análise, foi levada em consideração a possível falta de interesse dos educandos, que pode aumentar o número de evasões escolares, e como é possível contornar essa situação no ensino regular e/ou na educação de jovens e adultos, aplicando atividades simples, como jogos, instigando a reflexão crítica, harmonizando o ambiente de estudos, tornando o educando sujeito no seu processo de construção do conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lúdico. Freire. Fröbel. Autonomia. Aprendizagem.

\*\*\*

1. Graduada, e-mail: [stephanie.anjos@sc.senai.br](mailto:stephanie.anjos@sc.senai.br)

\*\*\*

# 1 INTRODUÇÃO

O mundo da didática é realmente fascinante, mas para os educadores é comum que tenham de enfrentar, no dia a dia de sua profissão, a barreira imposta pela falta de interesse dos alunos nas disciplinas do currículo escolar obrigatório, ainda mais se tratando de língua portuguesa. Apesar de versátil e flexível é comum que essa disciplina seja vista pela maioria dos educandos como uma matéria morosa, que lhes exige muito esforço intelectual tornando-a monótona e entediante.

ENCONTRAMOS UM GRANDE DESAFIO: COMO FAZER COM QUE OS ALUNOS DE HOJE DESENVOLVAM SUAS CAPACIDADES DE APRENDIZAGEM DE FORMA CONSTRUTIVA? QUANDO NA REALIDADE SE ENCONTRAM EM MEIO A UM CENÁRIO “TURBULENTO” DE INFORMAÇÕES POR UM PERÍODO ESCOLAR INTEIRO, O QUE, NÃO SÓ PARA AS CRIANÇAS E JOVENS, MAS PARA OS ADULTOS TAMBÉM É UM GRANDE DESAFIO, CONSIDERANDO QUE NÃO CONSEGUEM MANTER A ATENÇÃO EM UMA EXPLICAÇÃO POR MUITO TEMPO.

Existem formas de diminuir essa falta de interesse e atenção pelo assunto abordado em sala de aula? Como desenvolver as habilidades de ensino e aprendizagem, docente e discente, e quais métodos utilizar para tentar chegar em um resultado positivo e efetivo para o aprendizado?

É de grande relevância para a sociedade como um todo que os discentes queiram aprender e a forma como esse aprendizado acontece seja atraente. Um aluno sem interesse dificilmente assimila e constrói conhecimento ou obtém um posicionamento crítico/reflexivo dos conteúdos abrangidos na sistemática escolar, como já defendido por Fröbel em suas teorias sobre o aprendizado infantil.

E um aluno que não aprende pode vir a evadir ou se tornar repetente. Isso não só irá prejudicar sua vida acadêmica, como também refletir negativamente mais tarde em sua vida profissional.

Chegar numa conclusão desse mecanismo entre as ferramentas que possibilitem o aprendizado e instiguem a disposição dos educandos para com o conhecimento é o objetivo principal desta pesquisa que é fundamentada nas teorias de Paulo Freire e Friedrich Fröbel, nomes de muito prestígio quando o assunto é educação.

Seguindo essa direção, este artigo tem foco na reflexão e argumentação das obras *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, de Paulo Freire (1996), e *A educação do homem*, de Friedrich Fröbel (2001).

Para traçar os caminhos até uma boa didática, tendo em mente aquela que prende o foco e estimula os alunos, os trabalhos dos autores citados darão o norte para atingir os objetivos aqui propostos .

Sem limite de idade para sua aplicabilidade, o lúdico e a autonomia do conhecimento são ferramentas de tendência poderosa no auxílio à docência. Afinal, quem não gosta de aprender brincando, de forma descontraída e possibilitando descobertas através das experiências sensoriais?

Essas descobertas podem permitir não só agregar o conhecimento intencionado pelo professor, como também ampliar o pensamento crítico levando o aluno a participar da sua educação, ou seja, desenvolver sua autonomia frente ao conhecimento.

A construção e autonomia desse saber têm fundamentação nas explicações de Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, que será explorado aqui na busca de como tornar a língua portuguesa uma disciplina agradável e instigante de ensinar e aprender.

Mais ainda para os professores que estão em formação e sentem que terão um longo caminho pela frente ao ministrarem aulas em diversas turmas, precisando de bons métodos para mantê-los motivados.

DESSA FORMA, PRETENDE-SE VERIFICAR COMO DESENVOLVER UMA BOA DIDÁTICA TENDO POR BASE AS PERSPECTIVAS DE MODELO DE ENSINO/APRENDIZAGEM, PAUTADAS NO MÉTODO DA AUTONOMIA DO SABER E DO LÚDICO DE PAULO FREIRE E FRIEDRICH FRÖBEL, RESPECTIVAMENTE. O OBJETIVO DESTES É ELUCIDAR UM PRINCÍPIO IMPORTANTE DOS ALUNOS FREQUENTAREM A ESCOLA: COMO A CONSTRUÇÃO EFICAZ DO CONHECIMENTO, MUITO MAIS DO QUE FREQUÊNCIA, NOTAS, ALÉM DO PROCESSO BUROCRÁTICO, PODEM CONSTRUIR UMA PERSPECTIVA MAIS ATRATIVA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA PARCERIA EXISTENTE ENTRE PROFESSOR E ALUNO?

Para tanto, pretende-se verificar os métodos que de forma eficiente podem mudar a maneira como os discentes vivem o ambiente escolar. Se com os estudos das teorias apresentadas por Fröbel e Freire em algumas de suas obras é possível elucidar a perspectiva docente no aspecto ensino, para uma possível aplicação em sala, com foco na aprendizagem.

Tendo por base as obras supracitadas destes dois ilustres “pais da educação” elaborar e relacionar de forma plausível como o lúdico e a autonomia do conhecimento podem ser aplicados na didática escolar. Como trazer para a realidade dos alunos, tão diferentes entre si, e dos professores, ideias para que o conteúdo exigido pelo currículo garanta um melhor aproveitamento das experiências na relação professor x aluno.

Analisar, assim, numa abordagem voltada para a qualidade de ensino, como as teorias do lúdico e da autonomia do conhecimento podem auxiliar os docentes no processo de criação/planejamento das aulas.

Com foco a despertar o interesse dos alunos em sala de aula, em disciplinas como a língua portuguesa, e quem sabe num futuro próximo ajudar a diminuir as evasões escolares. Que podem estar relacionadas com a falta de motivação dos alunos em aprender e tornarem-se autores da própria história.

## 2 JUNTANDO AS PEÇAS

### 2.1 Foco e interesse nas aulas

Tem sido comum escutarmos em mídias televisivas, como jornais, discussões acerca do tempo que as pessoas conseguem manter o foco em uma única atividade, tempo este que vem diminuindo. Estamos cada vez mais agregando a habilidade de realizar diversas atividades ao mesmo tempo, porém temos perdido a capacidade de armazenar informações e nos concentrarmos em uma atividade específica.

O título da matéria do jornal “O Globo” anuncia que o “Tempo de concentração das pessoas na era digital é menor que a de um peixe” (O GLOBO, 2015). A pesquisa de campo realizada pela empresa Microsoft levou os cientistas a estimarem que os peixinhos dourados conseguem manter sua concentração por até nove segundos, enquanto as pessoas, já em 2015, chegavam a apenas oito. Essa falta de concentração pode estar diretamente relacionada com o mal uso da tecnologia ou também pela nova adaptação à era digital e como as pessoas têm lidado com ela.

Diante dessa realidade, tem se apresentado como um verdadeiro desafio manter o foco dos alunos nesta geração “bombardeada” por informações e tecnologias tão diversas. Imagine o que representa para um professor conseguir manter a concentração em sala de aula com cerca de 30 alunos, quando não mais, nos conteúdos de língua portuguesa que exigem uma certa atenção redobrada na hora de assimilar tantas regras gramaticais e conceitos literários.

Foi-se a época em que apenas os docentes possuíam a verdade sobre suas disciplinas ministradas, o papel das crianças como sujeito em seu aprendizado vem sendo afirmado e comprovado com eficácia. Fröbel afirmava a

importância de olharmos para a criança como uma planta em crescimento, acreditava que as crianças têm uma metodologia que lhes é natural e as faz aprender conforme seus interesses e experimentações.

Estamos diante de uma geração que não só pode aprender como também ajudar a construir o conhecimento, já que possuem uma metodologia natural.

A criança desde sua tenra idade aprende por intermédio de perguntas, querem saber o que é cada coisa, como é e por que é assim. As perguntas e suas experiências moldam seu conhecimento de mundo. Já nascemos questionadores/críticos. Os adolescentes não querem mais seguir o padrão de ficarem sentados por horas recebendo explicações cansativas de verbos, pronomes, sujeito, predicado... não querem passar as aulas copiando extensas matérias do quadro. Os alunos estão mais críticos e mais abertos às situações que os desafiem.

**UM GRANDE DESAFIO PARA O PROFESSOR É DESCOBRIR AS FERRAMENTAS PARA MUDAR O CENÁRIO DA EDUCAÇÃO E TORNÁ-LA MAIS ATRATIVA PARA SEUS ALUNO**

É preciso formular táticas para controlar as expectativas dos alunos e explorar ao máximo seu potencial acadêmico. Mas de que maneira? Como reunir as diversas experiências sociais com seus sujeitos críticos e em um espaço tão curto de tempo, uma vez que a grade curricular obrigatória é dividida em 4

aulas por semana com uma mesma turma e, por vezes, não sequenciadas?

Nesse impasse as teorias levantadas por Paulo Freire e Friedrich Fröbel podem nortear os caminhos na língua portuguesa para cumprir com os objetivos de alcançar didáticas que instiguem o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem em docentes e discentes.

## 2.2 As vivências dos alunos para Paulo Freire

Em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire, já no prefácio, reflete sobre a ética de forma universal e sua ligação na relação do educador com o educando. Levar em consideração a vivência do aluno, suas lutas que se tornam a luta do professor. É preciso estar mais perto então do discente não importando se criança, adolescente ou adulto, pois, todos estão imersos em inúmeras experiências. Estreitar as relações, estar mais próximo e adequar as aulas às vivências dos alunos. Por exemplo: é uma realidade de muitos alunos serem criados pelos avós, tios ou somente por um dos pais, podemos trabalhar com uma produção textual, audiovisual ou discutir o tema proposto em uma roda de leitura abordando quem são os seus heróis na vida real e porque, e quais são suas maiores qualidades e obstáculos vencidos.

Trabalhar esse reconhecimento e aceitação por parte dos educandos se ramificará para desenvolver diversas habilidades, como leitura, interpretação, escrita, reconhecimento quanto sujeito de sua história.

Tudo isso reflete diretamente no aprendizado do aluno e a maneira como o docente conduz suas aulas e mantém uma boa relação com eles pode ser o diferencial para o bom desenvolvimento desse jovem (pode ser criança ou adulto) não só academicamente, mas socialmente.

Diz Paulo Freire (1996), sobre a ética:

É a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles. (p.16)

E que para ensinar, continua Paulo Freire (1996):

É preciso sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (p.22)

Nessa relação com os educandos, é preciso atingir o objetivo de criar um ambiente propício ao aprendizado, junto à construção do conhecimento tendo o aluno um papel de ator neste espetáculo e não apenas de plateia, pois, o conhecimento não pode ser reduzido à mera transferência de saberes. Além do que, como ator na construção desse conhecimento, o aluno não ficará tão disperso e indiferente aos conteúdos ministrados pelo professor, pois, ele estará participando das atividades propostas como membro ativo e se sentirá parte da escola.

No entanto, não se pode esquecer que os temas abordados devem chamar a atenção dos alunos e quão mais próximo de sua realidade estiverem, respeitando suas experiências, mais interessado o aluno se mostrará.

Avaliar e adequar os conteúdos à didática. Mostrar aos discentes a relação daquela teoria à prática. Qual sua aplicabilidade e importância, afinal quantas vezes um professor escuta em aula o seguinte comentário dos discentes: “Nem sei pra que vou usar isso na vida!”

O simples fato de não entender um dos fatores como a importância de um conteúdo, de onde vem, para que serve e qual será seu uso para a vida fora do ensino regular pode causar um certo sentimento de frustração nos educandos.

É preciso situá-los dentro do conteúdo abordado. Se a pessoa entende o porquê de algo e no que irá utilizar o objeto em questão, este passa a fazer sentido e despertar seu interesse, mantendo o foco na atividade proposta. Nesse caso, se faz necessário um bom planejamento por parte do professor.

Não só seguir o currículo obrigatório como um mantra que os alunos devem decorar. Encaixar esse conteúdo que será ministrado de acordo com as turmas, com os alunos, suas experiências e expectativas. Situar os alunos sobre aquilo que será trabalhado e criar um ambiente para que eles possam se expressar, dialogar e pensar criticamente o que foi dito. Incluí-los no mecanismo da construção do conhecimento. Independente da matéria a ser ministrada é possível ligar a teoria à prática.

Exemplificando, ainda que o aluno com aquele conhecimento não construa algo físico ele estará desenvolvendo habilidades intelectuais que o ajudará a se comunicar melhor, escrever, ler, interpretar, desenvolver o pensamento crítico e, conseqüentemente, lidar com os problemas que forem surgindo. Afinal, ele está sendo preparado para a vida em sociedade e os conhecimentos e habilidades desenvolvidas serão o grande diferencial para suas conquistas.

Com essas perspectivas o aluno terá uma visão de sentido daquilo que lhe está sendo ensinado e entenderá que tudo está conectado, que faz parte de um processo maior para o seu desenvolvimento. E o aluno crítico, que participa da montagem desse “quebra-cabeça” concretiza a relação do ensino- aprendizagem.

Essa participação pode vir através da abertura do espaço para a discussão do tema abordado, com debates, aulas interativas, leituras em roda, jogos, paródias feitas por eles sobre o assunto em questão, utilizando músicas de sua preferência, apresentações para a turma, pesquisas em laboratório, construção de maquetes, experiências ao ar livre, pesquisar os interesses dos alunos, seja por meio de enquete ou diálogo em sala para aplicá-los em forma de atividades.

## 2.3 O lúdico como ferramenta para Fröbel

O lúdico pode ser uma ótima ferramenta quando se trata de manter o foco dos discentes nas atividades propostas para que se tornem sujeitos na construção de seus conhecimentos.

**BRINCAR SERIA A MELHOR MANEIRA DE APRENDER? COMO O LÚDICO ABRE AS PORTAS PARA A PRODUÇÃO DO SABER? HÁ MUITOS ANOS O PEDAGOGO ALEMÃO FRIEDRICH FRÖBEL TROUXE ESSAS QUESTÕES À TONA. COMO CRIADOR DO JARDIM DE INFÂNCIA, JÁ SE PREOCUPAVA EM DEIXAR A ESPONTANEIDADE DAS CRIANÇAS FLORESCEREM. É TAMBÉM DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO E O AMBIENTE QUE LHEM RODEIAM.**

Confirmando a ideia de que um ambiente propício à construção do conhecimento é aquele que tem sua base pautada nas experiências. Há um trecho de seu livro que diz o seguinte:

[...] o homem está dotado de sentidos, isto é, de instrumentos com os quais pode interiorizar as coisas que o rodeiam. (FRÖBEL, 2001, p. 43). O brincar, o jogo – o mais puro e espiritual produto dessa fase de crescimento humano –, constitui o mais alto grau de desenvolvimento [...]. É, ao mesmo tempo, modelo e reprodução da vida total, da íntima e misteriosa vida da natureza no homem e em todas as coisas. Por isso, engendra alegria, liberdade, satisfação e paz, harmonia com o mundo. Do jogo, emanam as fontes de tudo que é bom. (FRÖBEL, 2001, p. 47-48).

Desde a tenra idade o lúdico está presente no desenvolvimento das crianças. Aprender brincando favorece o aprendizado, mantendo o interesse dos educandos. Os jogos e práticas diferentes e descontraídas podem ser a solução para o problema de desinteresse dos discentes pelas aulas e a baixa concentração nas atividades propostas. O obstáculo seguinte é adaptar os conteúdos obrigatórios do ensino regular para aplicá-los em formato de jogos e usar o lúdico como aliado de uma didática eficiente.

Pode-se pensar que esta seria uma função unicamente do professor enquanto realiza os planejamentos de aula. Mas por que não contar com a parceria dos discentes, afinal tendo-os como sujeito de sua autonomia e coparticipação na construção do saber, quem melhor para auxiliar na avaliação de temas e experiências a serem trabalhadas em sala de aula?

Essa avaliação da turma como um todo, uma verificação sobre o meio social em que estão inseridos e seus conhecimentos preexistentes de mundo podem nortear a construção de um plano de atividades funcional.

Tanto quanto hoje o meio digital tem contribuído de maneira significativa (nem sempre de forma positiva para o aprendizado devido ao

mal uso que fazemos dela) para a redução do tempo de concentração das pessoas; tempo esse que vem diminuindo cada vez mais a capacidade de armazenar informações. Contraposto a isso também é um meio repleto de informações que se bem utilizadas beneficiam seus usuários, pois, a internet está repleta de conhecimento de acesso rápido.

No entanto, cabe a nós filtrarmos o que é importante e saber aproveitá-la adequadamente. Como, por exemplo: a internet está repleta de ideias de jogos lúdicos e experiências vivenciadas por diferentes pessoas de toda parte do país e do mundo, sendo muitas dessas ideias aplicadas em salas de aula e que podem ser adaptadas para cada necessidade do educador em relação à matéria que precisa ser dada e às diferentes realidades de ambiente e dos discentes.

Dito isso, não são escassas as fontes de inspirações que podem auxiliar na montagem de um plano de aulas mais dinâmico, sejam por consulta aos alunos, análise das turmas, com pesquisas na internet ou ainda um aglomerado de todos os recursos.

É necessário, porém, adequar os conteúdos aos jogos e/ou atividades práticas que serão aplicadas para oferecer ao educando uma experiência de aprendizado que dê sentido ao objeto de estudo. Mas por que será que aulas mais dinâmicas influenciam tanto no aprendizado dos jovens? O lúdico e a experiência que traz consigo não traz apenas descontração ao ambiente, também se caracteriza como uma inesgotável fonte de aquisição e desenvolvimento do conhecimento através do aprender fazendo.

Friedrich Fröbel (2001), em sua obra *A Educação do Homem*, compara o aprendizado da criança com a do adulto, mostrando que as descobertas de um não têm o cerne diferente daquela que o outro vivencia em suas experiências. O autor dá o seguinte exemplo:

A criança quer conhecer o interior das coisas [...]. Mas a pedrinha partida, a flor desfolhada, mostra em seu interior certa igualdade ou desigualdade entre suas partes, e não é isso já uma ampliação do conhecimento? Por acaso, nós, adultos, o adquirimos ou aumentamos de outro modo? A planta por dentro é oca? Ou está macia e cheia de seiva? [...]. (p. 56-57).

O saber através da vivência é de suma importância para obter o efetivo ensino-aprendizagem, parafraseando Fröbel, é a partir dessa experiência que o homem consegue compreender as coisas e só o faz quando dela se expressa.

Se pretendesse, por exemplo em língua portuguesa, ensinar o papel dos sujeitos nas orações aos alunos para que vivenciem a experiência da coisa a ser ensinada e assim expressando-a possam compreendê-la de uma forma mais eficaz: pedimos para que realizem alguma atividade como pular, agachar, sorrir, dentre tantas outras, e depois pedimos para que outro colega os faça um carinho ou lhes entregue um objeto, ficará mais compreensível aos alunos, após interagir com o conteúdo abordado, que sujeito nas orações são aqueles que realizam ou sofrem uma ação.

Pode-se, ainda, questioná-lo sobre a possibilidade de um ser inanimado ser o sujeito de uma ação e, de questioná-los do porquê e como chegaram a tal veredito. É essencial fazê-los pensar, refletir, serem sujeitos críticos no seu papel escolar, da sua vida acadêmica.

Não apenas transferir o saber pelo conteúdo teórico, pois, mesmo que para o discente seja mais fácil obter uma resposta pronta e entendida pela metade, isso também poderia levar a criança, como já disse Fröbel, a uma “rigidez mental” que lhe serviria menos do que se tentasse descobrir as respostas por si mesmo e caísse em uma obscura resposta.

Apenas a teoria crua, passada como quem realiza uma tarefa habitual de forma mecânica, sem consciência do que faz, resulta num imenso vazio. Não basta, por exemplo, ler um livro ou sequer um enunciado e após terminar a leitura não compreender aquilo que acabou de ler, não saber dizer sobre o que se tratava o texto.

**TORNA-SE NECESSÁRIO DEBATER O TEMA, DAR SENTIDO À PALAVRA. O PROFESSOR ESTÁ AÍ PARA DAR ORIENTAÇÃO, MOSTRAR OS CAMINHOS A SEREM PERCORRIDOS PARA QUE O ALUNO ALCANCE SEU MELHOR DESEMPENHO. POR ISSO, É SUBSTANCIAL QUE OS EDUCANDOS SEJAM CONFRONTADOS, INSTIGADOS A BUSCAR E DESCOBRIR O SABER.**

A maneira como isso é feito pelo educador vai limiar o sucesso ou a frustração de seus alunos, a forma como verão o mundo, é algo que transcende os muros da escola, experiências que levarão consigo para a vida lá fora, em sociedade.

Um conhecimento ensinado por ensinar não tangerá a realidade dos discentes e, portanto, não lhes fará sentido. Uma das frases do “pai do jardim de infância” esclarece tal enunciado:

Não temos consciência do nosso falar, porque os conceitos são aprendidos sem vivência e, portanto, não respondem a nenhuma realidade, a nenhuma intuição. [...]. Por isso tudo no discurso resulta vazio e obscuro. [...] Falta-lhe a *intuição das coisas* que designam. Ao escutá-la, ouve-se o som, porém não se percebe nenhuma imagem; ouve-se um rumor confuso, porém não se vê nenhuma ação. (FRÖBEL, 2001, p. 67)



E para dar mais sentido ao que aprendem na escola é interessante que o professor busque integrar os conhecimentos. Relacionar, por exemplo, os conteúdos trabalhados em outras disciplinas, como geografia, história, matemática, ciências, artes, com a disciplina a qual ministra, que neste artigo, é a língua portuguesa.

No currículo escolar os discentes estudam em torno de dez disciplinas por semana. Há matérias que só têm contato uma vez na semana por um período de 45 minutos e na grande maioria das vezes as matérias não têm relação entre si, ao menos essa relação não é percebida pelos alunos nem demonstrada pelos docentes. Assim, ficam como ideias desconexas, perdidas a cada sinal de troca de aula.

Os professores precisam entender as coisas de forma isolada assim como compreender que fazem parte de um sistema maior, pois, fazem parte de uma imensa cadeia de conhecimentos, uma somando e elevando a outra, desenvolvendo diversas habilidades no educando.

Entender que as matérias e os saberes a elas relacionados se interligam com as demais, que individualmente vão se juntando para formar um grande “quebra-cabeças”. Cada peça sozinha é importante, mas atendem a um propósito geral e devem caminhar juntas. Em língua portuguesa pode-se pensar em utilizar-se de textos de outras disciplinas para retirar as frases/orações a serem trabalhadas em gramática.

Além de trazer as informações de outras matérias, se estará ensinando gramática. Até porque ler, interpretar, argumentar, escrever bem são elementos necessários a qualquer outra disciplina escolar e para a vida social.

Essa reflexão da junção das matérias como um todo dará ao aluno mais sentido sobre tudo que está aprendendo e passará ter conhecimento para se tornar sujeito do saber, construir e

pensar criticamente tendo os conhecimentos ordenados e relacionados na mesma direção com um mesmo objetivo.

Mas a vontade tem de andar de mãos dadas com todo esse conhecimento, ou ele não deve ocorrer de modo a permanecer na memória de forma construtiva e nem poderá ser posto em prática em qualquer fase da vida.

Essa “vontade”, que aqui irei nomear de interesse, pode ser trabalhada como referido anteriormente, através do lúdico, dos jogos, dessas ferramentas preciosas que já foram tema de discussões há muito tempo por Friedrich Fröbel e que não perdem sua funcionalidade, é intemporal. Também não há limites na idade.

Tudo que é divertido e vivenciado na prática se permite fixar mais em nossa memória, ativa nosso interesse e, por consequência, prende nossa atenção por muito mais tempo.

Há algum tempo tive a experiência de vivenciar um jogo com objetivos de unir a equipe de trabalho e pensar individualmente para um objetivo coletivo de cumprir um desafio. Hoje este mesmo jogo pode ser adaptado para alunos do ensino regular para ministrar qualquer conteúdo, basta direcioná-lo à necessidade do professor.

Em língua portuguesa, por exemplo, é possível tornar mais interessante o aprendizado de funções sintáticas das orações. Na página 76 do seu livro *A Educação do Homem* Fröbel exemplificou a construção de várias partes de uma maquete por crianças em que cada grupo trabalhava em uma parte da maquete e que no fim dos trabalhos as peças se conectam e se transformam em partes de um todo. Todos trabalharam de forma descontraída para um objetivo em comum: a construção de uma maquete detalhada de uma cidade.

O jogo que agora exemplificarei para o ensino da sintaxe tem a mesma finalidade: exercer o trabalho em equipe, desenvolver habilidades do pensamento lógico e crítico, a união de cada um para a formação de um todo.

Para ensinar os conceitos e funções sintáticas das orações até mesmo para reforçar através da experiência o conteúdo teórico, como verbos, sujeitos, predicado, pronomes, substantivos adjetivos, modos verbais, dentre outros.

Para o jogo ter início monta-se uma grande roda com as cadeiras da sala de aula, preferencialmente em um ambiente externo à sala, como o pátio da escola ou a quadra de esportes, se a escola dispuser do espaço, pois, mudar um pouco de ambiente também auxilia na construção de um ambiente propício ao desenvolvimento das habilidades dos educandos estimulando os sentidos.

Depois da roda formada é solicitado aos alunos que cada um se sente em uma cadeira de forma aleatória até que só reste uma cadeira vazia, colocada ali propositalmente. Em frente a cada cadeira são coladas ao chão pistas impressas ou escritas em cartolina, indicando um tipo de palavra que formará ao final uma sequência, pois, os alunos também receberão uma palavra escrita em plaquinhas de identificação para pendurar ao redor do pescoço.

Essas mesmas palavras que estão com os alunos são as possíveis respostas às pistas que se encontram em frente às cadeiras no chão.

Os discentes devem ser orientados a ficarem em silêncio, pois, só o aluno que estiver com a cadeira do seu lado esquerdo vaga é o único que pode falar e tentar colocar um dos alunos, que estão sentados na roda, que contenha a palavra que corresponde à ordem das pistas, para que no fim forme uma ou mais orações.

Por exemplo: um dos alunos possui a plaquinha com a palavra “corre” e no chão diante da cadeira vazia tem a indicação “verbo no modo indicativo”, logo o aluno que está do lado esquerdo da cadeira vazia, sendo o único que pode falar, deve chamar o colega para sentar-se na cadeira vazia. Uma cadeira em algum lugar da roda vai ficar vaga com a saída do colega chamado. Assim, o próximo aluno, cuja cadeira vagar em seu lado esquerdo, dará continuação ao jogo.

Muitos jogos e situações podem ser adaptadas para despertar o interesse, a curiosidade, o pensamento crítico e ter um melhor resultado no processo de ensino-aprendizagem com o objetivo de desenvolver as habilidades do educando.

Para isso, o educador precisa moldar suas aulas, a fim de conseguir ler melhor o mundo da didática, lembrando que ele não está sozinho nessa tarefa, os alunos não só podem como devem participar da construção do saber.

Outra atividade bem interessante para trabalhar a narrativa e o interesse dos alunos pela leitura, afinal língua portuguesa não é só gramática, mas também literatura, reflexão e produção textual, é uma “roda de leitura” onde normalmente se lê para as crianças, mas adaptando-a para o desenvolvimento dos jovens (ensino fundamental, médio e EJA).

Realizar uma “roda de narrativa” onde os espectadores são também os atores principais para que possam ouvir, mas também interagir com os demais e com o professor.

Cada aluno, ou em grupo, vai depender de quais habilidades pretende-se desenvolver, se mais individual ou coletiva, escolhe uma lenda, mito ou um conto que cause impacto, como os de Machado de Assis, lê e estuda o texto que lhe chamou atenção (pode trazer de casa, quem sabe um momento de pesquisa na escola, caso esta disponha de laboratório de informática ou

biblioteca que atenda à necessidade ou, ainda, o docente pode trazer impresso para distribuir entre os alunos).

Caso o professor pretenda trabalhar especificamente com alguns autores, como Machado de Assis ou outros mais, pode aproveitar para inseri-lo na atividade. Os discentes devem se preparar, estudar os textos, para depois narrarem com suas próprias palavras e reflexões acerca do texto, lembrando que o professor precisa incentivar e guiar a dinâmica instigando-os ao debate dos temas acerca da narrativa, especulações, clímax, desfechos etc.

Também nesse jogo viria a calhar modificar o ambiente dos alunos, para se sair da rotina e proporcionar uma experiência sensorial, assim deixando o local descontraído com uma melhor vivência no aprender e ensinar desta atividade. Colocá-los sentados em pufes, almofadas, mantas, afastando as cadeiras e carteiras e diminuindo a luminosidade na sala, para criar um clima de suspense.

**O JOGO ALIA MUITO MAIS DO QUE SABERES, CONSTRÓI A PONTE PARA O CRESCIMENTO SOCIAL DE CADA EDUCANDO ENVOLVIDO NO PROCESSO, QUE PASSA A INTERAGIR, CRIAR, REFLETIR, CRITICAR, ENSINADO A PENSAR POR SI. TUDO ISSO VEM A CONTRIBUIR NO SEU FUTURO, ATITUDES E CONHECIMENTOS QUE SERVIRÃO DE REFLEXO NA SOCIEDADE.**

O jogo não é algo bobo, não pode ser rebaixado a uma mera brincadeira de criança. Sobre tal ponto, já dizia Friedrich Fröbel que: “[...] o campo do jogo entre os elementos essenciais para a educação. [...] o jogo prepara-o diretamente para a vida e o conduz à prática de muitas virtudes cívicas e humanas (FRÖBEL, 2001, p. 78)”.

## 2.4 Completando o quebra-cabeças com Freire e Fröbel

Após analisar as vertentes de Paulo Freire e de Friedrich Fröbel, foi possível perceber o quanto o lúdico e o pensamento crítico andam de braços dados nessa jornada do educar.

Os jogos traduzem diversas habilidades nos alunos e lhes proporcionam serem mais sujeitos de sua própria autonomia, possibilitando o desenvolvimento do pensamento crítico em cada um. Mesmo com pouco mais de um século separando essas teorias, vemos uma junção que parece realmente ser eficaz.

Essas teorias transbordam o pensamento comum, fazem pensar “fora da caixa”, e permite ao professor ter um novo olhar no mundo da didática, de forma que se apresentam igualmente importantes e benéficas tanto aos discentes quanto aos docentes. Nesse sentido, quem sabe trabalhando mais firmemente com essas práticas seja possível, a longo prazo, contribuir com a redução nos índices de desistências (evasão escolar), através do aumento na motivação dos alunos em sala de aula.

Há alguns anos foi relatado, no portal da Secretaria de Educação do Paraná (Brasil), um projeto de uma das escolas da rede que colocou em prática algumas ideias baseadas no uso de metodologias que envolvessem o lúdico (jogos) e a realidade dos alunos para dentro da

escola. A mudança foi realizada justamente pelo alto número de evasão escolar que estavam enfrentando. Em menos de um ano já passaram a ter melhores resultados. O caminho para a mudança do cenário ainda é longo, mas se mostra favorável.

Algumas reportagens, como a apresentada pelo Diário Catarinense (DC), em 2017, apontam a preocupação com o número elevado de jovens que não concluem o ensino médio na idade certa, ou pior, que estão fora da escola.

No total, em pesquisa realizada pelo DC, são mais de 64 mil crianças e adolescentes fora da rede escolar. Os dados coletados fazem referência ao aumento de desistências do ano de 2005 para 2015 (sim, em 10 anos não foi possível reverter o quadro da região analisada), em um plano de ação do governo para a redução de 9,7% do movimento que ficou intitulado “Todos pela Educação”.

Mas o que todos esses números e desistências têm a ver com a maneira com que o docente conduz suas aulas? De que forma as teorias de Fröbel e Freire poderiam contribuir para a mudança de cenário?

A REPORTAGEM ESCRITA POR GABRIELE DUARTE (2017) TRAZ UM DOS FATORES QUE LEVAM AO ABANDONO DA VIDA ESCOLAR, PRINCIPALMENTE EM SE TRATANDO DO ENSINO MÉDIO: A FALTA DE INTERESSE DOS ALUNOS NAS AULAS, POIS, CONFORME JÁ EXPOSTO, OS EDUCANDOS NÃO VEEM RELAÇÃO DAS AULAS COM A VIDA.

Isso ocorre, pois os discentes não se sentem motivados/instigados, não compreendem o porquê de estarem aprendendo o conteúdo que lhes é ensinado. Consequentemente sem perspectiva da importância que a educação terá em suas vidas num futuro próximo.

Por diversos fatores não quiseram ou puderam se tornar sujeitos de sua própria autonomia, sem poder analisar o quadro atual de um futuro sem escolaridade completa, de terem suas habilidades desenvolvidas para oferecer ao mercado de trabalho uma mão de obra qualificada. Afinal, um empregado que não tem uma boa fluência na leitura, não consegue escrever utilizando a gramática de forma correta, e, por conseguinte, não argumenta ou interage em equipe, prejudicando suas chances de trabalho e carreira.

Outro fator comentado na reportagem é o número de repetência, que faz com que o aluno não acredite mais em si.

Fröbel e Freire desmistificam a problemática em suas teorias, trazem o lúdico e a proposta do aluno autônomo para o cenário de uma educação mais democrática. As propostas instigam o professor a fazer uma leitura diferente do mundo da didática para, assim, tentar alcançar o aluno, que por não atingir o saber que lhe é cobrado, torna-se repetente ou fica em risco de evasão. Segue o trecho da reportagem:

Para o gerente-geral do movimento, Olavo Nogueira Filho, o desempenho catarinense nas diferentes etapas da educação reflete-se nos demais Estados.

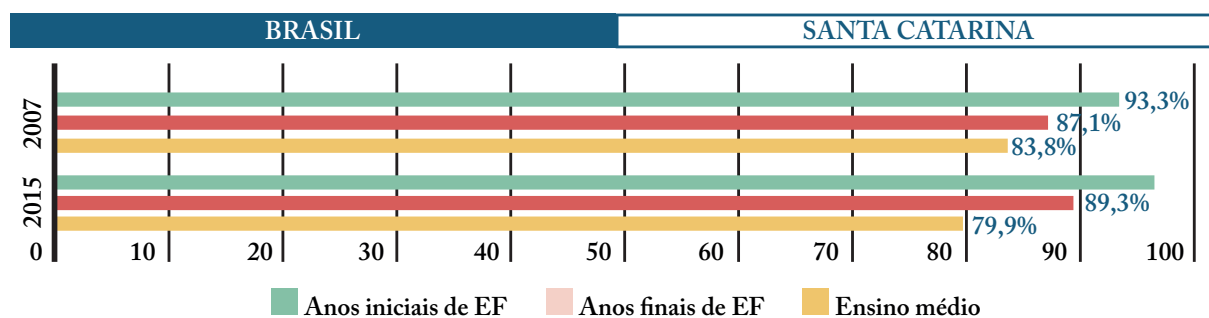
Ele defende que o debate acerca da universalização do ensino esteja centrado daqui para frente na qualidade da oferta, já que o problema do número de vagas parece ter sido resolvido, segundo o especialista.

— Os principais motivos que nós observamos por trás da evasão escolar são as repetências múltiplas (o que gera uma relação muito negativa com a escola, em que o jovem pensa que aquilo não é para ele), a falta de interesse (o jovem não enxerga sentido na proposta pedagógica) e o trabalho. Então muitos acabam fazendo uma análise comparativa e preferem ir para o mercado de trabalho — diz. (DUARTE, 2017).

Vemos nesse último parágrafo da reportagem a relação que tem com a importância do supracitado ao modelo de ensino que precisa ser trabalhado em conjunto com os discentes na tentativa de reverter a situação da evasão escolar quanto à falta de interesse dos educandos e o grande número de repetências.

Apesar de o número de aprovações de crianças que estão nos anos iniciais e finais do fundamental ter aumentado consideravelmente (até pela alteração na lei que exigiu a mudança na idade obrigatória da matrícula de 6 para 4 anos) o mesmo não se repete no ensino médio, conforme gráfico da reportagem:

Figura 1: Taxa de Aprovação



Fonte: Movimento Todos Pela Educação (DUARTE, 2017)

Vemos no gráfico que os alunos do ensino médio sofreram uma taxa de redução das aprovações entre os anos de 2007 para 2015 de 3,9%. Quanto mais reprovações mais aumentam os fatores que integram o quadro de evasão escolar no ensino médio.

Nesse sentido, é através das ferramentas do lúdico e de ensinar para pensar, para que se tornem sujeitos diante da vida em sociedade e tenham interesse no saber, que se pode alcançar o objetivo de reduzir as repetências e evasões escolares, repensando a didática de hoje, adequando as aulas para que atendam essa perspectiva.

Não só capacitar os alunos que estão no ensino fundamental e médio, mas também aqueles que precisam de uma oportunidade depois de terem largado a escola, jovens e adultos que precisam voltar aos estudos, que com as barreiras da vida perceberam o quanto o estudo lhes fez e faz falta e podem buscar no ensino EJA uma maneira de correr atrás do que foi perdido.

Em publicação do Ministério da Educação (MEC) de 2016, encontra-se uma prova de como o método de Paulo Freire fez diferença na educação de mais de 15 mil adultos e idosos. Isso somente levando em consideração o ensino no Centro de Educação Paulo Freire em Brasília.

O método de Paulo Freire juntamente com o de Friedrich Fröbel pode ajudar crianças e jovens ainda na fase da escola no ensino regular.

Pode-se começar hoje a mudança, a fazer a diferença na vida de nossos educandos. Mudar a forma como lemos o mundo da didática. Realizarmos atividades planejadas para o público de alunos que frequentam nossas escolas, buscar descobrir seus interesses e expectativas, seja por meio de conversa ou pesquisas de campo na região.

Trazer a realidade dos alunos para dentro da sala de aula, trabalhando seu emocional e as

habilidades de cada um. Propor atividades lúdicas, a fim de lhes prender a atenção e deixar que participem efetivamente como sujeitos na construção do conhecimento. Ouvi-los, debater as diferentes opiniões sobre o tema proposto em aula (sempre tentando conciliar esses temas com a realidade em que estão inseridos), e assim orientá-los na construção conjunta da aprendizagem.

Utilizando as ferramentas valiosas propostas por Freire e Fröbel podemos melhorar como docentes e alcançar as expectativas de muitos alunos.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

O grande desafio para o docente tem sido manter o foco dos alunos nas atividades propostas. Fazer com que se interessem pelo conhecimento ensinado pelo professor. Mas não somente uma transferência de saber, e sim um eficiente processo de ensino-aprendizagem que possibilite ao educando desenvolver suas habilidades de maneira geral, aplicar a prática relativa à teoria trabalhada em sala de aula.

Mudar a forma como os conteúdos são ministrados para conseguir uma leitura diferente do mundo da didática e assim poder atingir esse objetivo. Para tanto, neste artigo buscou-se como referência as teorias desenvolvidas por Paulo Freire com sua pedagogia da autonomia e do lúdico defendido por Friedrich Fröbel.

A união dessas duas ferramentas de ensino mostra-se favorável quanto ao esclarecimento de como resolver a falta de interesse dos discentes pelos conteúdos ministrados, assim como torná-los sujeitos ativos no processo do descobrimento do saber. Que sejam mais

críticos e reflexivos e não apenas plateia diante do “palco da vida”.

Vimos que dados apresentados pela mídia mostram a porcentagem de alunos que são reprovados e, por consequência, viram índice de desistência da escola no ensino médio, uma relação direta com a falta de interesse dos alunos nas aulas por não entenderem a importância daquilo que lhes é ensinado nem a relação teoria x prática. Como não aprendem e não entendem essa relação, muitos terminam por ter várias repetências em seu currículo, o que lhes causa frustração, ocasionando a evasão escolar.

Na disciplina de Língua Portuguesa não é diferente; um ensino pautado nas teorias metodológicas de Freire e Fröbel pode auxiliar na mudança do cenário. Mais ainda se trabalhado em conjunto com as demais disciplinas.

O professor de língua portuguesa pode aplicar as metodologias desses dois “pais da educação” na elaboração de suas aulas, e tornar um conteúdo que parece tão teórico e monótono em

versátil e prático. Como analisado e discutido anteriormente, na teoria de Fröbel, um ambiente descontraído tem uma vital importância na vida dos homens desde sua tenra idade.

**É BRINCANDO QUE VIVENCIAMOS AS MAIS DIVERSAS EXPERIÊNCIAS E DESCOBERTAS DO MUNDO EM NOSSA VOLTA. É ATRAVÉS DESSAS EXPERIÊNCIAS QUE TUDO PASSA A FAZER SENTIDO.**

**APESAR DE MUITAS VEZES SUBJUGADA, A BRINCADEIRA NÃO É APENAS COISA DE CRIANÇA. TUDO QUE SE DEMONSTRA MAIS ATRATIVO, DIVERTIDO E REMETE AO LAZER TAMBÉM MANTÉM OS ADULTOS MAIS FOCADOS. É MAIS GOSTOSO APRENDER BRINCANDO.**

Além de aprender com o lúdico, também é possível desenvolver a habilidade do raciocínio lógico, da reflexão e do pensamento crítico, este último já antes defendido na metodologia de Freire. Como exemplo a “roda de narrativa” trabalhando contos de Machado de Assis, mitos, lendas ou até mesmo momentos históricos dentre outros.

Um momento lúdico que manterá a atenção dos educandos ao mesmo tempo que permite exercitar e desenvolver as habilidades, tais como

leitura, interpretação, reflexão, interação social, comunicação, além de ajudar na escrita, pois, o aluno que lê bem também escreve melhor.

Não só na literatura como na gramática é importante envolver os alunos em atividades que lhes deixem mais conectados ao conteúdo, e é tarefa do professor oferecer-lhes esses momentos adaptando os conteúdos planejados a atividades que instiguem os discentes.

Além de contar com a ajuda deles, descobrindo seus interesses e suas realidades sociais, o professor hoje conta com uma fonte inesgotável de ideias criativas para lhes auxiliar. Bem utilizada a tecnologia pode ser uma aliada na hora de desenvolver as atividades com os alunos.

Os jogos podem ser adaptados aos conteúdos bastando apenas um pouco de criatividade e compreensão da importância que esse processo terá na vida dos alunos.

Podemos nos utilizar de paródias, encenações teatrais, cruzadinhas, debates, jogos esportivos, como pênalti adaptado com regras de perguntas e respostas gramaticais que lhes permitam chutar a bola com ou sem obstáculos dependendo se as respostas estão de acordo com o conteúdo questionado. Maquetes literárias, jogos de banco imobiliário, alterando os cartões de pistas para conteúdos de gramática com perguntas ou desafios voltados para a matéria, dentre muitos outros.

Criar um ambiente propício ao aprendizado trará benefícios aos educandos e ao professor que também se sentirá mais motivado e realizado. O aluno ativo em sua educação se tornará mais sujeito de sua caminhada.

RELACIONAR AS MATÉRIAS UMA COM AS OUTRAS E COM O MUNDO, SITUÁ-LOS DE COMO CADA PRÁTICA E CONTEÚDO ABORDADO LHE SERÁ ÚTIL NA VIDA E LHE ABRIRÁ ALÉM DAS PORTAS DO CONHECIMENTO TAMBÉM A VIDA EM SOCIEDADE, O MUNDO DO TRABALHO. SUA ASCENSÃO SOCIAL E PROFISSIONAL É IMPORTANTE PARA QUE NÃO SE SINTAM FRUSTRADOS, PARA QUE A ESCOLA SEJA UM AMBIENTE QUE LHE DÊ SENTIDO EM TUDO QUE ESTÁ POR TRÁS DE SEUS MUROS.

Para que esses mesmos alunos tenham perspectivas sobre seus futuros e escolhas e assim não desistam da escola, não desistam de si. Necessitem sentir-se parte da escola e não por ela excluído. Afinal, é papel da escola ser a ponte entre o mundo exterior e os seus educandos.

Fazê-los entender e conectar os conhecimentos aprendidos em sala com a vida lá fora. É papel do professor despertar este interesse, a curiosidade em descobrir o mundo, relacionar as disciplinas para que façam sentido ao aluno e, assim, possam cumprir com o objetivo da aprendizagem. Não um aprender por aprender, mas um aprender para conquistar, conquistar a autonomia de serem sujeitos de si, pois como já diria Paulo Freire: “*Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém*”.

Por meio do lúdico e desenvolvendo as habilidades críticas dos alunos, o objetivo de ler o mundo da didática, para abrir as portas do conhecimento, pode ser alcançado. O professor de língua portuguesa precisa estar disposto a mudar sua didática, assim como os demais docentes, para junto com os alunos transformarem a realidade da educação no país. As ferramentas para percorrer esse desafio já foram lançadas por Freire e Fröbel, basta colocá-las em prática.

Algumas questões que ficam para estudos futuros: Com a pandemia atual de covid-19, em que enfrentamos o problema do distanciamento social, essa proposta ainda se sustenta? Em quê? Como poderia ser aplicada às aulas remotas e suprir as expectativas desses alunos?





# THE CONTRIBUTION OF PLAY AND CRITICAL THOUGHT AS A TOOL TO READ THE “WORLD OF DIDACTIC”

## ABSTRACT

*This article aims to elucidate, with a qualitative approach, some ways to adapt the world of didactics to develop the teaching and learning skills of students and teachers in Portuguese, using tools such as playful and critical thinking in the classroom. The methodology applied here is bibliographical reference and encompasses the theories of Paulo Freire and Friedrich Fröbel. For this analysis, the possible lack of interest of students was taken into account, which can increase the number of school dropouts and how it is possible to overcome this situation in regular education and/or in youth and adult education, applying simple activities such as games and instigating reflection critical, harmonizing the study environment and making the student subject in his knowledge construction process.*

\*\*\*

**KEYWORDS:** *Playful. Freire.  
Fröbel. Autonomy. Learning.*

\*\*\*

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Inspirada em célebre educador, estudante aprende sobre a vida ao ensinar adultos a ler.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/39711-metodo-paulo-freire>. Acesso em: 3 maio 2019.

DUARTE, G. Santa Catarina tem 64 mil crianças e jovens fora da escola. **Diário Catarinense**, 2017. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilodevida/noticia/2017/04/santa-catarina-tem-64-mil-criancas-e-jovens-fora-da-escola-9764333.html>. Acesso em: 3 maio 2019.

FERRARI, M. **Friedrich Froebel, o formador das crianças pequenas.** Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/96/friedrich-froebel-o-formador-das-criancas-pequenas>. Acesso em: 28 jul. 2021

FREIRE, P. R. N. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção leitura).

FROEBEL, F. W. A. **A educação do homem.** Tradução de Maria Helena Camara Bastos. [S. l.: s. n.], 2001.

O GLOBO. **Tempo de concentração das pessoas na era digital.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tempo-de-concentracao-das-pessoas-na-era-digital-menor-que-de-um-peixe-16153807>. Acesso em: 8 abr. 2019.

PALAZZO, J. S. **Relato: Metodologia diferenciada no resgate da evasão.** Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=403>. Acesso em: 28 jul. 2021.

## **SOBRE A AUTORA**



### **Stephanie Valdirene dos Anjos**

Graduada em Letras – Língua Portuguesa (Estácio de Sá) e em Pedagogia (Estácio de Sá). Tem experiência na área de atendimento ao cliente e planejamento e controle de produto.

